



IV JORNADA DE
PESQUISA EM
PSICOLOGIA
DESAFIOS ATUAIS NAS
PRÁTICAS DA PSICOLOGIA

25 e 26 de novembro de 2011
UNISC - Santa Cruz do Sul

PERFIL DAS MULHERES QUE CUMPREM PENA EM REGIME FECHADO EM SANTA MARIA/RS

*Aline Bäumer
Eduardo Steindorf Saraiva*

Resumo

A pesquisa objetivou traçar o perfil sócio-demográfico e psicológico das mulheres que cumprem pena no regime fechado em Santa Maria/RS, mais precisamente no Presídio Regional de Santa Maria, PRSM. Participaram do estudo 56 mulheres presas, de um universo total de 59 detentas no período em que foram colhidos os dados e obtidos os Termos de Consentimento Esclarecido e Informado (agosto-11). Os achados mostram que o perfil caracteriza-se por ser jovem, ter união estável, possuir de 2 a 3 filhos, ter ensino fundamental incompleto e baixa qualificação técnico-profissional, etnia branca, nível sócio-econômico baixo, usuária de drogas ilícitas e envolvimento com tráfico em função do companheiro bem como prevalência de familiares envolvidos com drogas ilícitas e crimes. Perfil psicológico obtido pelo QUATI E-St-In com função menos utilizada pensamento. Pelo Palográfico grande maioria das detentas encontra-se dentro das médias, com variações específicas em determinados casos/perfis. Sem sintomas depressivos predominantes.

Palavras-chave: mulheres presas; regime fechado; perfil sócio-demográfico e psicológico.

THE RESEARCH AIMED TO TRACE THE SOCIO-DEMOGRAPHIC AND PSYCHOLOGICAL WOMEN SERVING TIME IN A CLOSED REGIME IN SANTA MARIA / RS, MORE PRECISELY AT THE PRESIDIO OF SANTA MARIA REGIONAL, PRSM.

Abstract

The study included 56 women prisoners, a total universe of 59 detainees in the period in which the data were collected and obtained the Terms of Informed Consent (August-11). The findings show that the profile is characterized by being young, have a stable relationship, have two to three children, have incomplete primary education and low-skilled technical professional, white ethnicity, socio-economic status, users of illicit drugs and involvement with traffic due to the prevalence of partner and family members involved with illegal drugs and crimes. QUATI psychological profile obtained by the E-St-In function unless used with thought. Palográfico the vast majority of inmates is within the average, with variations in certain specific cases / profiles. Without depressive symptoms predominate.

Keywords: Women prisoners, closed system, socio-demographic and psychological profile.

Introdução

O estigma do sujeito preso tem o peso de um rótulo que garante não somente a privação de liberdade, mas também o engessamento da condição de criminoso que marcará esse cidadão se não pelo resto de sua vida, por longo tempo. Esse estigma, quando em mulheres, tem sua carga redobrada, dada a característica social e histórica da mulher que, relegada a um posto inferior ao do homem em uma sociedade essencialmente machista e patriarcal, sofre dupla estigmatização ao ser condenada a cumprir pena: a primeira por ser mulher, a segunda por ser criminosa/presidiária. Esta situação torna as mulheres encarceradas um grupo altamente vulnerável, que deve ser público-prioritário de políticas públicas destinadas ao desenvolvimento humano (BÄUMER e SHWARTZ, 2011).

Sendo o crime um problema não somente do criminoso, mas também do juiz, do advogado, do psiquiatra, do psicólogo e de toda a sociedade (DOURADO, 1965), para que se compreenda o criminoso e, por consequência, o fenômeno da criminalidade, é necessário que conheçamos os variados aspectos que se entrelaçam nessa guisa.

A preocupação da sociedade parece estar voltada exclusivamente às questões vinculadas à segurança. As políticas sociais, importantes para a prevenção da criminalidade, como a garantia do acesso de todas as camadas sociais aos bens e serviços indispensáveis a uma existência digna deixaram de causar preocupação, bem como as políticas sociais de reinserção dos apenados na sociedade acabam por assumir um caráter de menos valia (GUILHERMANO, 2000).

Em relação particular à criminalidade feminina, apesar das obras que tratam do assunto ou o contemplam dentro de um aspecto mais amplo, o aporte teórico muitas vezes não vem acompanhado de dados científicos que o confirmem, ficando, dessa forma, baseado em inferências que são muito mais fundadas em suposições do que em afirmações. Não obstante, a escassez de publicações que abordem o tema da criminalidade de forma específica e atual ao universo feminino é outro entrave que se coloca ao entendimento e conhecimento sobre quem são as mulheres que cometem crimes, bem como dos fatores que podem ter atuado na gênese desse comportamento.

Somados, esses fatores instigaram a realização da pesquisa, que pretende contribuir com dados relativos ao universo das mulheres que cumprem em regime fechado no município de Santa Maria, celeiro dessa análise.

A Questão Específica das Mulheres

É comum que delitos praticados por mulheres de algum modo impactem mais do que aqueles perpetrados por homens. Segundo Voegeli (2003, p. 30), se espera da mulher, “segundo a cultura ocidental, graça, passividade, paciência, tolerância. Talvez por isso também não se espante o baixo nível de mulheres detentas, em comparação com o número de homens, mas sim o propalado aumento significativo da população carcerária feminina”.

Antecedentes sociais de mulheres que cometeram crimes tendem a uma semelhança aos antecedentes sociais dos homens que cometem crimes, quais sejam: baixa condição sócio-econômica, baixo nível educacional, menor nível de emprego ou desemprego. A questão crucial parece estar, contudo, no papel social da mulher no que tange à maior presença de crianças que delas dependem (GUILHERMANO apud STEFFENSMEIER e ALLAN, 1996). Historicamente as mulheres são mais responsáveis pelo cuidado dos filhos e pela manutenção da casa do que os homens, sendo que o impacto da prisão acaba por ser mais impactante às prisioneiras e geralmente causa prejuízo à estrutura do lar e dano grave na vida de seus filhos (CANAZZO e ARGIMON, 2010).

As diferenças de gênero mais importantes encontradas no tocante à criminalidade feminina referem que as mulheres tendem a cometer mais crimes contra a propriedade e seus antecedentes sociais situam-se nas baixas condições sócio econômicas, baixo nível educacional, empregos de menor qualificação ou desemprego, presença de crianças delas dependentes, maior exposição ao abuso físico e sexual e crescente consumo de drogas. Ainda, que estudos têm demonstrado que fatores como idade, etnia, região demográfica, escolaridade e estado civil estão associados a uma maior criminalidade feminina (GUILHERMANO, 2000).

De acordo com a bibliografia revisada, pode-se inferir que as mulheres possuem menor tendência ao comportamento violento e/ou criminoso em relação aos homens, fato comprovado também por essa pesquisa. O padrão dos crimes das mulheres impõe um menor nível de risco à comunidade (CANAZARO e ARGIMON, 2010). Contudo, não podemos

esquecer que fatores biopsicossociais possuem influência difícil de ser avaliada quanto aos comportamentos agressivos tidos como normais bem como aos patológicos, devido ao grande número de agentes que se manifestam nos sujeitos (biológicos, genéticos, ambientais, sociais, psicológicos, etc.).

A Pesquisa

A pesquisa que deu origem a esse artigo teve por objetivo verificar o perfil da população de detentas que cumprem pena em regime fechado no município de Santa Maria/RS através de coleta de dados, entrevista e avaliação psicológica.

Entre os objetivos específicos, foram elencados: verificação dos aspectos sócio-demográficos das mulheres que cumprem pena em regime fechado no município de Santa Maria; quantificação das apenadas que cumprem pena em regime fechado de acordo com o tipo de crime cometido; verificação de preponderância de um tipo de personalidade (através da aplicação do QUATI) e tipo de crime cometido; verificação dos antecedentes familiares de forma a identificar fatores comuns nas histórias de vida pregressa das apenadas de modo a inferirmos sobre que fatores podem atuar como “de risco” à criminalidade feminina; quantificação da associação entre tipo de delito, achados demográficos e tipo de personalidade.

Métodos de Pesquisa

Tratou-se de um estudo aportado em levantamento de dados, descritivo, transversal e não-controlado, que objetivou a obtenção de dados quantitativos e qualitativos. Os dados quantitativos foram coletados através do acesso aos processos de execução penal e da documentação retida na administração do Presídio Regional de Santa Maria (PRSM) referente a cada apenada que consentiu em participar da pesquisa. Os dados qualitativos foram obtidos mediante realização de avaliação psicológica e entrevista semi-estruturada, bem como de observação direta da pesquisadora dentro da instituição durante a pesquisa.

O estudo foi realizado nas dependências do PRSM, local onde se encontram presas as mulheres que cumprem pena nos regimes fechado semi-aberto. Os sujeitos da pesquisa são as mulheres que cumprem pena em regime fechado no município de Santa

Maria, Rio Grande do Sul. Foram incluídas todas as presas que estão cumprindo pena em regime fechado e que aceitaram participar da pesquisa e que não se enquadraram nos termos excludentes.

A variável dependente de estudo foi o tipo de delito, enquanto as independentes foram os aspectos sócio-demográficos e os aspectos biopsicossociais.

O instrumento elaborado pela pesquisadora e seu orientador consistiu em uma entrevista semi-estruturada composta por 43 questões que foi aplicada de forma individual. Para a construção da mesma foram utilizadas perguntas referentes aos dados de identificação, onde se incluiu, com o objetivo de verificação aos dados constantes nos Processos de Execução Criminais (PECs), aspectos referentes à escolaridade, renda per capita, procedência, naturalidade, etc. Ainda, questões vinculadas ao histórico de vida familiar, profissional, afetiva, entre outros, como meio de obter um perfil sócio-demográfico.

Os instrumentos de avaliação escolhidos pela pesquisadora e seu orientador foram: Palográfico, teste expressivo, e Inventário Tipológico de Personalidade QUATI. Todos os instrumentos são reconhecidos e estão aprovados pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). O intuito da avaliação psicológica nessa pesquisa centrou-se no entorno de verificar se existe um tipo de personalidade dominante em relação ao tipo de delito cometido, se existem características de personalidade dominantes entre as presas, bem como averiguar questões como emotividade, depressão, agressividade e impulsividade junto às apenadas, na intenção de inferências quanto a questões de fatores de personalidade que talvez possam ter relação com o cometimento de delitos. Foi disponibilizada entrevista devolutiva individual a cada detenta avaliada.

Resultados

Os dados apurados foram compilados estatisticamente em tabelas com quantidades, incidências e percentuais relativos de cada item de pesquisa passível de tabulação direta, enquanto os dados quantitativos foram analisados juntamente aos quantitativos, de forma global.

Dados Sócio-Demográficos

Pesquisa manual nos Diários de Registros e Ocorrências do PRSM foi feita de modo a obter o número de presas entre 2000 até abril de 2002, data em que o sistema de informações da Superintendência de Serviços Penitenciários (SUSEPE/RS) foi informatizado. As informações desse período em diante, portanto, foram obtidas através de acesso ao INFOPEN/Mapa Carcerário do Estado do Rio Grande do Sul. Percebe-se que a partir de 2009 o número de presas obteve um crescimento que se manteve elevado, o que corrobora estudos que citam que o aumento da população carcerária feminina tem sido significativo.

Em relação ao quesito faixa etária, foram criadas faixas com intervalos de 5 em 5 anos. 32,14% das presas no PRSM possuem idade entre 23 e 27 anos e essa é a faixa etária mais significativa. A idade mínima é de 18 anos e a máxima é de 62 anos. No quesito local de nascimento, grande parte das presas, apesar de o presídio ser regional e receber detentas de outros municípios e comarcas, é, de fato, natural do município de Santa Maria (69,64%).

No quesito “foi criada morando com quem”, que possui objetivo de averiguar formações familiares, a grande maioria das presas respondeu que foi criada pelos pais e que morava com eles e irmãos. Ao longo das entrevistas percebeu-se pela fala das detentas que apesar de a família residir na mesma casa e de existir figura materna e paterna, em muitos casos não existia cuidado parental ou vinculação entre os entes da família. Quanto à escolaridade, 16,07% das presas possuem 5ª série do ensino fundamental, sendo que 12,50% possuem o ensino fundamental completo, sendo que, ainda 5,36% possuem o ensino técnico completo (apesar do equivalente em grau escolar, diferenciamos para que constasse o ensino técnico) e também 12,50% o 1º ano do ensino médio. 10,71% possuem o ensino médio completo. Nenhuma possui ensino superior completo.

No quesito idade de iniciação sexual, 26,79% das detentas tiveram iniciação aos 15 anos, enquanto 21,43% tiveram aos 12 anos e 14,29% aos 16 anos. A idade mínima em que houve iniciação sexual foi de 11 anos e a máxima de 21 anos. Ao longo das entrevistas percebeu-se que a iniciação sexual precoce quando acompanhada de seqüente gravidez foi fator de extrema relevância para o abandono dos estudos. 80,36% das presas possuem união estável (considerando união estável como relacionamento conjugal há 3 anos ou mais), enquanto 19,64% possui. Ainda, foi quantificado, no caso de sim, de estar em uma união estável, se a atual é a única ou se houveram anteriores. Em se tratando de não estar

em união estável, questionou-se se não está atualmente ou se nunca esteve. 44,64% das detentas estão em sua segunda união estável e 42,86% na primeira. No universo de entrevistadas, apenas uma detenta declarou-se como homossexual e citou estar em uma união estável. As demais se declararam heterossexuais. A grande maioria das presas possui filhos, sendo que 28,57% possuem 2 filhos, 21,43% possuem 1 filho e 12,50% possuem 3 filhos. 8,93% possuem 4 e mesma quantia possui 5 filhos. 7,14% das presas não possuem filhos e a presa que possui maior número de filhos possui 8.

Quanto ao quesito etnia, a grande maioria das presas do PRSM é da raça branca, (75%), seguida por negra (21,43%) e parda (3,57%), consecutivamente. Esse quesito foi auto-declarado e também verificado junto à documentação retida no PRSM.

O nível sócio-econômico foi auto-declarado e verificado junto à documentação retida no PRSM. Após, foi equiparado com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, de forma que 60,71% das presas encontram-se no nível sócio-econômico baixo; 1,79% no nível médio-baixo; 35,71% no nível médio. Apenas 1,79% nível médio-alto.

Questionadas sobre possuírem ou não casa própria, 62,50% declararam possuir, sendo que fizeram ressalva de que são casas de programas do governo ou da família como um todo. 37,50% não possuem casa própria, tampouco os familiares diretos. 98,21% das mulheres detidas no PRSM, antes de serem presas, desempenharam atividade remunerada. Dessas, 60,71% em caráter informal, 8,93% em caráter formal (segundo Consolidação das Leis do Trabalho – CLT).

Dados Médico-Psicológicos

78,57% das presas relataram nunca ter sido atendida por psicólogo ou psiquiatra. 21,43% foram por um dos profissionais ou por ambos. Nesses casos, o motivo das consultas foi mau comportamento escolar, depressão, uso de drogas e abuso sexual. 92,86% nunca usaram nenhum tipo de medicação psicofármaca, enquanto 7,14% sim. Nesses casos, para depressão e tratamento para dependência química. 73,21% relataram nunca ter tido nenhum tipo de maus-tratos físicos ou psicológicos, abuso sexual ou negligência familiar. 26,79% relataram ter sofrido algum tipo sendo que, nesses casos, as histórias foram de abuso sexual e maus-tratos físicos, além de negligência familiar. Importante salientar que durante as entrevistas as presas não reconheceram o quesito “negligência” como forma de

violência, sendo que esse quesito apareceu na pergunta “foi criada morando com quem”, onde referiram a falta de vinculação entre os entes familiares.

Quanto ao uso de drogas por familiares, 75% das presas relatou que existem familiares diretos que fazem uso abusivo de drogas ilícitas. Já 37,50% das presas relataram nunca ter utilizado drogas ilícitas, enquanto que 62,50% declararam que usam e que seguem usando, no mínimo, eventualmente.

Dados Criminais e Prisionais

Questionadas sobre o uso de drogas dentro da instituição prisional, 76,79% declarou não estar fazendo uso. Importante ressaltar que muitas que declararam não estar usando estão tentando deixar o vício, mas o percentual, nesse caso, não refere a realidade, devido às recaídas e receio de assumir à pesquisadora o uso das substâncias. As drogas mais utilizadas dentro do PRSM, por parte das mulheres, são maconha e crack. A cocaína não está sendo muito utilizada pois segundo relatos é cara e de má qualidade, o que faz com que prefiram o uso do crack em lugar da cocaína. No quesito familiares envolvidos com crimes, 73,21% das presas entrevistadas respondeu que existem familiares diretos envolvidos com crimes (passados ou atuais). 80,36% das mulheres estão presas por crime de tráfico e 5,36% por assalto e 3,57% por latrocínio. Ainda, foram verificados crimes vinculados com tráfico, como associação e produção, porte ilegal de armas e furto. Ressalta-se que dos 80,36% das mulheres presas por tráfico, a grande maioria relata que foi presa em função do companheiro, que na verdade seria o traficante, enquanto elas seriam coniventes por saberem do crime, mas não ter função ativa no ato criminoso. Existem, contudo, embora em menor número, os casos em que as mulheres atuaram como traficantes de forma ativa. 41,07% são reincidentes no crime, se levado em consideração que praticaram ou foram coniventes com o ato criminoso por mais de uma vez. 76,79% das presas não cometeram outro crime além daquele pelo qual cumpre pena. 5,36% já cometeram estelionato e 3,57% furto.

Dados Psicotécnicos (Avaliação Psicológica)

De 38 presas que realizaram Avaliação Psicológica, duas invalidaram o instrumento QUATI. Nos 36 instrumentos restantes e válidos, constou presas com escolaridade inferior à 8ª série do ensino fundamental, o que não cumpre exigência técnica do referido instrumento.

A análise dos dados demonstra que a maioria é Extrovertida, que a função mais usada é Sentimento, que a função auxiliar mais utilizada é intuição e que a função menos utilizada é o Pensamento.

Analizando somente os dados das presas que possuem escolaridade igual ou superior à 8ª série do ensino fundamental, foram obtidos resultados muito próximos. Ambas as análises apontaram, portanto, como sendo o tipo Extrovertido-Sentimento-Intuição com função menos utilizada Pensamento o tipo de personalidade preponderante entre as presas do PRSM. O modelo apresentado pelo QUATI, dessa forma, nos aponta para o fato de que a extroversão é a atitude que mais se apresenta entre as presas.

Segundo o manual técnico do instrumento,

“o extrovertido orienta-se pelo que é objetivamente dado, dirige sua atenção para o mundo externo de fatos, coisas e pessoas. Aprecia a ação e expressa-se melhor falando do que escrevendo, gosta mais de ouvir do que de ler. Caracteriza-se por uma certa **impulsividade diante do mundo**, precisa experimentar as coisas e situações. Gosta de movimento e mudanças constantes, **pode ser agressivo e agir impensadamente**. Gosta de **arriscar** e sempre tem resposta imediata para qualquer situação” (Zacharias, 2003, página 12). Grifo nosso.

A análise dessas características, somadas às das funções mais e menos usadas, possibilita a inferência de que o tipo psicológico mais encontrado entre a população pesquisada, E-St-In (com função menos utilizada Pensamento), aponta para sujeitos de características impulsivas, onde quesitos emocionais de sobrepujam aos racionais, de forma que os sujeitos desse tipo conduzem suas vidas muito mais baseadas nos sentimentos e intuições do que no pensamento.

Mesmo se analisarmos outros tipos psicológicos que não o E-St-In, perceberemos, conforme a análise estatística quantitativa, que as funções sofrem poucos manejos de combinação, mantendo-se a expressiva maioria do Pensamento como menos usada, possibilitando pensarmos que as presas, em sua maioria, envolveram-se com os atos criminosos de fato por relações familiares, vínculos amorosos, falta de análise racional de

situações e impulsividade, fatos que adiante veremos ser ratificados pela análise das entrevistas.

No Palográfico, dois testes foram invalidados. Os quesitos quantitativos do instrumento a maioria das presas avaliadas encontra-se dentro das médias da população geral. No quesito rendimento, contudo, o tipo Irregular/Oscilante foi o mais evidente, com 44,74% das presas, onde irregularidades no ritmo de trabalho que podem indicar estresse, falta de ânimo ou disposição, interferência do estado emocional, perturbação psíquica voluntária ou involuntária podem se fazer presentes (não necessariamente todas concomitantemente, mas algumas). A grande maioria das detentas, em relação aos quesitos distância entre palos, inclinação dos palos e tamanho dos palos obteve escores compatíveis com a média do teste. Da mesma forma, quanto aos quesitos inclinação das linhas e distância entre linhas, a maioria das presas enquadra-se dentro da média do teste.

Através da análise dos valores encontrados nas médias das margens dos Palográficos das presas avaliadas, percebe-se que as margens esquerda e direita encontram-se dentro das médias do instrumento. Em relação às margens superiores, o escore mais encontrado foi médio seguido de diminuído. Isso denota que a grande maioria das presas possui grau adequado de respeito, consideração e deferência com os outros e com autoridades, além de boa adaptação social. A margem diminuída, contudo, engloba contingente de presas que não possui delimitado o limite nas relações com autoridades, falta de adaptação às normas e regras vigentes e contato social inadequado.

A análise dos dados dos Palográficos que possibilitam inferências sobre impulsividade, emotividade e depressão das presas avaliadas apontam para o fato de que a maioria possui escores que não as caracterizam como impulsivas, emotivas ou depressivas. Casos pontuais, obviamente, foram observados, mas em minoria quantitativa. 25% das mulheres presas estão sofrendo de depressão, enquanto 13,89% têm impulsividade aumentada e 8,33% tendem a maior emotividade. Chama a atenção para o fato de que no senso comum e até mesmo entre profissionais que lidam em instituições prisionais, a ideia de que a grande maioria das presas seria depressiva, fato que não foi validado pela pesquisa, nem na testagem técnico-instrumental, nem nas entrevistas, de modo que os índices referentes a tais quesitos não se encontraram maiorizados em relação à população como um todo. Canazaro e Argimon (2010) referem que, na Penitenciária Feminina Madre

Pelletier, Porto Alegre/RS, foram encontrados altos índices de depressão e comorbidades psicopatológicas entre as presas, fatos que não foram verificados em porcentagem que caracterize a maioria da população de presas em Santa Maria/RS.

Não houve meio de inferir se a tipologia de personalidade possui relação com determinado tipo de crime haja vista o número preponderante de mulheres presas pelo crime de tráfico e menos expressivo de outros crimes. Contudo, o tipo Extrovertido, com funções Sentimento, Intuição presentes em detrimento da função Pensamento se demonstrou bastante proeminente.

Considerações Finais

A conduta criminoso pode ser associada a diversos fatores, como citado ao longo do artigo, sejam eles biológicos, genéticos, econômicos, culturais, sociais, psicológicos, entre outros. Destarte a necessidade de entendimento dos sujeitos como frutos de um meio biopsicosocial.

Como já dito anteriormente, a mulher está em uma situação social e econômica desfavorável em relação aos homens. Embora grande parte das presas estivesse trabalhando antes da detenção, a maioria possui baixa escolaridade e baixa qualificação profissional, restando como recurso laboral atividades informais, tais como vendedora de cosméticos, roupas íntimas, empregada doméstica, babá, catadora de recicláveis, cozinheira, garota de programa, etc. Percebe-se já nesse momento que as atividades acabam ficando em muito centradas no universo doméstico e sem exigência de qualificação técnica. Como consequência, a baixa remuneração se torna uma realidade. Lemgruber (1999) coloca que as taxas de criminalidade feminina aumentam à medida que há maior igualdade entre os sexos, onde a busca por equiparidade com os homens atua para as mulheres como um fator de introdução a n fatores que num primeiro momento eram mais próprios do universo masculino.

A análise sobre a estrutura familiar em que as presas entrevistadas foram criadas demonstra que não basta haver uma família constituída por pai, mãe e irmãos. Existe a necessidade de elo, de vinculação, fato que não foi verificado em muitas, através das falas durante as entrevistas individuais.

A privação do vínculo afetivo, portanto, pode atingir de maneira importante a formação da personalidade e, por conseguinte, da saúde mental de crianças, podendo comprometer variados eixos de sua vida futura, onde a consequência dessa privação “pode desencadear comportamentos agressivos e delinquentes” (BOWLBY apud STELLA, 2006). É consenso entre especialistas e pesquisadores da infância que a origem do desenvolvimento do caráter e saúde mental está estritamente ligada aos vínculos afetivos precoces e duradouros com os pais ou figuras que bem desempenham as funções materna e paterna.

Bowlby (1960, p. 131) aporta a importância ambiental para o desenvolvimento de crianças, onde existe “um grupo de caminhos potencialmente abertos para ele (bebê); aquele ao longo do qual ele irá caminhar será determinado, a todo o momento, pela interação entre como ele é agora e o meio ambiente em que se encontra”. Dessa forma, podemos supor que a falta de vínculo familiar possa de fato ser um dos fatores contribuintes para o futuro envolvimento em atos criminosos. O modelo tipológico de personalidade demonstrado pelo QUATI contribui no que tange aos sujeitos extrovertidos, sendo esses os que possuem maior tendência a ações impensadas ou não aprofundadas. A associação das funções sentimento e intuição na menor presença de pensamento corroboram a hipótese de que tipos extrovertidos associados aos fatores tidos como de risco apontados nesse estudo podem, sim, ser tidos também, dentro desse contexto, como um item propiciador de risco ao envolvimento em ato criminoso, embora não possa ser tido como determinante.

O modelo bioecológico de Bronfenbrenner propõe que o desenvolvimento humano seja estudado à luz da interação de quatro núcleos inter-relacionados: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. O processo é o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento, enquanto esse é visto através de processos de interação recíproca progressivamente mais complexa de um ser humano ativo, biopsicologicamente em evolução, com as pessoas, objetos e símbolos presentes no seu ambiente imediato (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1998).

Nesse contexto, pensarmos a falta de vínculo familiar saudável, a baixa escolaridade, uso abusivo de substâncias, nível sócio-econômico baixo, etc, remete-nos ao que Bronfenbrenner cita como bioecológico, onde o sujeito responde de maneira biopsicossocial de forma semelhante aos seus pares e nicho. O alto índice de familiares das presas envolvidos com crimes e o uso de drogas lícitas parece também atuar como um fator

comum na história pregressa de vida de grande número de detentas. Nesse entorno também podemos pensar o baixo índice de detentas depressivas, posto que a questão da depressão não está, nesse grupo estudado, ligado ao quesito prisão mas, sim, a questões pessoais anteriores que possam talvez ter sofrido agravamento por ocasião da detenção. Contudo, denota-se que a prisão acaba sendo somente uma consequência dos atos ilícitos, de forma ativa ou passiva e, destarte, não causa grande abalo psíquico como gênese específica à depressão.

Seguindo, a baixa escolaridade do grupo de sujeitos pesquisado apresentou relação direta com a idade de iniciação sexual, início de uso de drogas ilícitas e gestação precoce. Muitas presas já vinham em um ciclo de repetência escolar que, no momento em que iniciaram a ter relacionamentos afetivos e sexuais, muitas engravidando e se envolvendo com drogas de forma direta ou indireta, culminou no fator de abandono da vida escolar para dar lugar formal ao namoro, casamento, cuidado com os filhos, trabalho, etc. O ciclo biopsicossocial parece ser repetido de geração em geração sem grandes alterações, inter e transgeracionalmente.

O maior problema citado pelas presas do PRSM em relação à instituição, contudo, não está nas condições físicas do local, mas, sim, no convívio com as demais encarceradas. Esse fato foi elencado de forma maciça como sendo o maior problema que elas enfrentam dentro da instituição prisional, haja vista o grande número de detentas ocupando o mesmo espaço e tendo gostos, atitudes e comportamentos absolutamente diversos.

A maior preocupação por estarem presas ficou centrada em torno dos filhos e família, quesito que permeou também a maioria das entrevistas individuais realizadas. Em terceiro apontou-se o medo do rótulo eterno de presidiária e todos os preconceitos e desdobramentos advindos do termo para quando gozarem de liberdade, como falta de emprego, rechaço de pessoas, falta de dinheiro, etc.

Lemgruber (1999) muito sabiamente infere que apesar do aumento significativo da criminalidade feminina, que vem, proporcionalmente, aumentando de forma mais expressiva que a masculina, nem homens e tampouco mulheres recebem atenção da sociedade em geral, de modo que o que acontece por detrás dos muros das instituições prisionais só interessa àqueles que estão do lado de fora quando acontecem situações como greves de fome, fugas, rebeliões, espancamentos de presos, etc. São essas as situações que

ganham destaque na mídia, afinal. Para além disso, os encarcerados são os antigos loucos e leprosos que antes deixados à deriva em naus, hoje ficam à deriva carentes não somente de sua liberdade, mas de praticamente todos os outros direitos que a Constituição Federal Brasileira assegura a seus filhos. “A dramática rotina da vida diária de milhares de homens e mulheres privados de liberdade nesse país não atrai a menor atenção” (LEMGRUBER, 1999, p. 14). Por todos esses fatores percebe-se urgente o olhar específico às pessoas que estão presas, sob pena de simplesmente reproduzirmos feitos perpassados ao longo dos séculos onde a premissa não era a de reintegrar e possibilitar devires, mas, simplesmente, punir e segregar.

Se desejarmos diminuir os índices de criminalidade, precisamos desenvolver ações que abarquem o contingente de pessoas que cumprem pena de modo a promover integração social real. Em específico às mulheres presas, a necessidade de alteração no olhar preconceituoso é fundamental para a criação de políticas públicas que atendam as demandas específicas de gênero e manutenção dos laços familiares que sabemos ser tão benéficos à saúde mental individual e à saúde social coletiva.

Referências

ALVES, Iraí Cristina Boccato & ESTEVES, Cristiano. **O teste Palográfico na avaliação da personalidade**. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2004.

BÄUMER, Aline & SHWARTZ, Uda Roberta D. **Presas a uma estrutura**. Disponível em: < <http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/impressa/4,1304,3326696,17206> > acessado em 15 de julho de 2011.

BOWLBY, John. **Crianças carentiadas**. São Paulo: Int. de Psicologia/PUCSP, 1960.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Censo de 2010. Disponível em < http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rs&tema=resultpreluniver_censo2010 > acessado em 3 de outubro de 2011.

BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. **Sistema Integrado de informações penitenciárias (INFOPEN)**. 2010. Disponível em < <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMID598A21D892E444B5943A0AEE5DB94226PTBRIE.htm> > último acesso em 15 de agosto de 2011.

BRONFENBRENNER, U & MORRIS, P. **The ecology of developmental process**. Em W. Damon (Org), Handbook of child psychology. New York: John Wiley & Sons, 1998.

CANAZARO, Daniela e ARGIMON, Irani Iracema de Lima. **Características, sintomas depressivos e fatores associados em mulheres encarceradas no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 26 (7): 1323-1333, julho de 2010.

DOURADO, Luiz Angelo. **Raízes neuróticas do crime**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1965.

GUILHERMANO, Thais Ferla. **Fatores associados ao comportamento criminoso em mulheres cumprindo pena em regime fechado na Penitenciária Feminina Madre Pelletier**. Diss. (Mestrado em Ciências Criminais) PUCRS, Faculdade de Direito, 2000.

LEMGRUBER, Julita. **Cemitério de vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres**. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

STELLA, Cláudia. **Filhos de mulheres presas: soluções e impasses com seus desenvolvimentos**. São Paulo: LCTE Editora, 2006.

VERGARA, F. **O Perfil sócio-demográfico da mulher criminosa em Marília (1990 -1997)**. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1998.

VOEGELI, Carla Maria Petersen Herrlein. **Criminalidade & violência no mundo feminino**. 1ª Ed. (2003), 4ª tiragem. Curitiba: Juruá, 2008.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. **QUATI: Questionário de Avaliação Tipológica (versão II)**. 5ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Vetor, 2003.

Sobre os autores:

Aline Bäumer é Psicóloga graduada pela UFSM e pós-graduada em Avaliação Psicológica pela UNISC. E-mail: alinebaumer@hotmail.com

Eduardo Steindorf Saraiva é Psicólogo Doutor em Ciências Humanas, Professor no depto de Psicologia da UNISC. E-mail: eduardo@unisc.br